

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Sermão do Quarto Sábado da Quaresma (1640),**  
**de Padre António Vieira.**

Texto Fonte:

Editoração eletrônica:  
Verônica Ribas Cúrcio

Pede o autor a todos os que tomarem este livro nas mãos que, por amor de Deus e de si, leiam este primeiro sermão, do pecador resoluto a nunca mais pecar, com a atenção e paciência que a matéria requer.

Jam amplius noli peccare (1).

**I**

O maior mal de todos os males — não digo bem — o mal que só é mal, e sumo mal, é o pecado. Porque assim como Deus, por essência é o sumo bem, assim o pecado, por ser ofensa de Deus, é o sumo mal. Mas se entre pecado e pecado, pelo que toca a nós, pode haver comparação e diferença, o pecado futuro é o pior e mais perigoso mal. O passado e o presente, porque foi e é pecado, é a suma miséria; mas o futuro, porque ainda há de ser, sobre ser a suma miséria, é o sumo perigo.

Esta é, fiéis, a importantíssima doutrina que Cristo, soberano Mestre e Senhor nosso, nos deixou recomendada como documento final da última cláusula do presente Evangelho. Trouxeram uma pecadora a Cristo, achada em flagrante delito, para que o Senhor, como intérprete da lei, a sentenciasse. E qual seria a sentença? Foi aquela que se podia esperar da piedade e misericórdia de um Deus feito homem por amor dos homens. Confundiu os acusadores com lhes mostrar escritos seus pecados — que só Deus sabe livrar a uns pelos processos de outros — e depois de absolver a pecadora do pecado de que era acusada, e de todos, o documento breve, maravilhoso e divino, com que a despediu consolada, foram as palavras que propus: Jam amplius noli peccare (Jo. 8,11): Não queiras mais pecar.

Isto é o que encomendou Cristo àquela venturosa pecadora, em cuja maravilhosa história se nos representa, com grande propriedade, o juízo sacramental a que todos somos chamados ou citados no termo peremptório destes quarenta dias. Todos somos pecadores, e todos temos obrigação neste santo tempo de nos apresentar em pessoa, e não por outrem, naquele sagrado tribunal, onde o mesmo Cristo é o juiz, e preside invisivelmente. Ali, sendo nós mesmos os réus e os acusadores, confessamos espontaneamente todas nossas culpas, e se o fazemos com a verdadeira detestação e arrependimento que devemos a um Deus infinitamente bom e infinitamente ofendido, o mesmo Senhor, que hoje escreveu pecados, manda riscar os nossos de seus livros, e totalmente perdoados e absoltos, nos recolhe entre os braços de sua misericórdia, e nos recebe em sua graça. Tal é o felicíssimo estado a que, por virtude do Sacramento da penitência, se restituem todos aqueles que dignamente o recebem, bem assim como a pecadora do Evangelho, quando ouviu da boca do Redentor: Nec ego te condemnabo(2). Mas porque a absolvição e a graça, posto que livre dos pecados passados, não segura do perigo para os futuros, sobre este grande risco de tornarmos a adoecer depois de sãos e a cair depois de levantados, nos avisa e acautela o Divino Oráculo, exortando-nos a todos e a cada um, como à mesma pecadora, a nunca mais pecar: Jam amplius noli peccare.

Este foi o ponto único da doutrina de Cristo — que não só é conselho, mas preceito — e neste mesmo determino também insistir unicamente hoje, pois, sendo sua a eleição do assunto, nem eu posso tomar outro, nem devo. A matéria, pois, de todo o sermão, sumamente necessária e sumamente útil, será esta. O pecador resoluto a nunca mais pecar. Na primeira parte do discurso lhes descobrirei a falsidade e engano de todas as razões ou pretextos com que o demônio facilita a continuar os pecados; na segunda lhes inculcarei um novo motivo — que porventura nunca ouvistes — o mais eficaz, o mais forte e o mais terrível que pode haver, para nunca jamais pecar: *Jam amplius noli peccare*. À Virgem Santíssima, em quem nunca houve pecado, peçamos muito de coração, que como Mãe e Advogada de pecadores, nos alcance para esta tão importante resolução a graça que havemos mister. Ave Maria.

## II

*Jam amplius noli peccare.*

Para não pecar mais, nem ter pecado jamais, bastava ser o pecado ofensa de Deus, e ser Deus quem é: infinita e inefável bondade, infinita e imensa grandeza, infinita e incompreensível majestade, infinita sabedoria, infinita onipotência, infinito, incriado, eterno e imutável ser, que só ele é de si mesmo, e por tudo isto digno de ser infinitamente amado, como ele, que só se compreende, se ama, e não por outra causa ou respeito, senão por ser quem é. Mas, como a vileza do nosso barro, para subir tão alto é muito pesada, e para amar tão fina e desinteressadamente muito grosseira, acomodando-se o Espírito Santo à incapacidade de nossa fraca natureza e à corrupção em que a deixou o primeiro pecado, nos ensinou para não pecar aqueles quatro motivos de temor, tão fortes e tão sabidos, como de nós mal aplicados: *Memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis* (Eclo. 7, 40): Lembra-te, homem, dos teus novíssimos, e não pecarás jamais. — E, verdadeiramente, que homem haverá, se não tem perdido o juízo e uso da razão, que sabendo de certo que há de morrer sem levar desta vida mais que as suas boas ou más obras, e que com elas se há de apresentar diante do tribunal da Divina justiça, para ser severissimamente julgado, e que dada a sentença, de que não há apelação nem embargos, ou há de gozar de Deus para sempre na glória, ou carecer de Deus para sempre, e penar sem remissão no fogo do inferno, que homem haverá, torno a dizer, se não tem perdido o juízo e uso da razão, que com a fé e consideração viva destes quatro motivos, seja tão temerário e cego, que se atreva a cometer um pecado?

Sendo pois esta verdade tão certa e infalível, e a consequência dela tão racional, tão útil e tão conforme por uma parte ao temor, e por outra ao desejo e esperança humana, qual é ou pode ser a causa por que a experiência de cada dia nos mostre o contrário, e seja coisa tão ordinária nos homens, que isto mesmo crêem e confessam, o pecar, o ter pecado e o tornar a pecar? A causa ou ocasião não é outra, senão que assim como o Espírito Santo nos deu quatro motivos para espertadores da memória, assim o demônio inventou e nos dá outros quatro para adormentadores do esquecimento; aqueles espertam o entendimento, para que sempre vigilante, e com os olhos abertos, nos não consinta pecar; e estes adormentam a vontade, para que frouxa, descuidada e cega nos facilite o pecado. E que motivos infernais são estes quatro? Para serem mais infernais vão todos fundados na verdade da fé e experiência. O primeiro é a dilação do castigo, o segundo a confiança na misericórdia, o terceiro o propósito do arrependimento, o quarto a facilidade e prontidão do remédio. Como o Espírito Santo nos refreia do pecado com a memória e consideração dos quatro novíssimos, diz assim o demônio ao pecador, e o pecador a si mesmo: os novíssimos da glória e do inferno não hão de vir senão depois do juízo; o novíssimo do juízo não há de vir senão depois da morte; o novíssimo da morte não vem senão no fim da vida. Logo, enquanto dura a vida, quero fazer a minha vontade e viver a meu gosto; e para que seja sem perigo da salvação, desse me asseguram quatro motivos e fundamentos tão certos como os que já referimos e agora veremos.

### III

Anima-se primeiramente o homem e facilita-se a pecar pela dilação do castigo, porque, ainda que crê pela fé que Deus nunca deixa de castigar o pecado, vê contudo pela experiência ordinária, que Deus não castiga logo. Daqui nasceu um notável pensamento em que deu Davi para tirar os pecados do mundo. Sentia tanto o santo rei a facilidade com que se quebravam as leis de Deus e os homens não reparavam em pecar, que este sentimento quase lhe tirava a vida: *Defectio tenuit me, pro peccatoribus dereliquentibus legem tuam* (3). O primeiro pensamento com que acordava, e a sua primeira meditação, era cuidar e excogitar como se podia tirar do mundo todos os pecados: *In matutino interficiebam omnes peccatores terrae* (4). E, finalmente, veio a dar em um meio, o mais eficaz e efetivo que podia haver, e como tal o apresentou a Deus em uma proposta. — Senhor, diz Davi, eu não posso dar conselho, nem vossa infinita sabedoria o há mister: mas não pode o meu zelo deixar de vos representar um meio em que tenho dado para que não haja pecados nem vossa divina Majestade seja ofendido. — Que diferente alvitre era este, dos que ordinariamente se costumam inventar e pagar com grandes mercês, todos para utilidade dos príncipes e para destruição dos vassalos. Porém este de Davi, tão útil era para Deus como para os homens, e mais ainda para os homens que para Deus, porque Deus não seria ofendido se os homens não fossem pecadores. Mas que meio era ou podia ser este, que tirasse os pecados do mundo e não houvesse nele quem não observasse as leis de Deus? As palavras da proposta o dizem: *Exurge, Domine, in ira tua: exurge in praecepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te* (5). Mostre-se Vossa Majestade irado todas as vezes que for ofendido, e assim como a cominação da pena anda junta com o preceito, ande também a execução do castigo junta com o pecado, porque tanto que os homens virem que o castigo não tarda nem se dilata, logo todos obedecerão prontamente, e servirão a Deus, e nenhum haverá que se atreva a pecar: *Exurge in ira tua, exurge in praecepto quod mandasti, et synagoga populorum circumdabit te*. Lá disse o poeta: *Si quoties peccant homines, sua fulmina mutat Jupiter exiguo tempore inermis erit*: Se todas as vezes que os homens pecam caísse sobre o delinqüente um raio do céu, acabar-se-iam os raios. — Mas não disse nem inferiu bem. Se todas as vezes que os homens pecam caísse logo do céu um raio que abrasasse o pecador, não se acabariam, antes sobejariam os raios. Os que se acabariam ou seriam os homens ou os pecadores: mas o certo é que seriam os pecados, e não os homens, porque, tanto que o castigo andasse junto com o pecado, nenhum homem havia de ser tão cego que se arrojasse a pecar. Esta foi a proposta e o alvitre de Davi. E que lhe respondeu Deus? O mesmo Davi o disse logo. Ainda que o coração de Davi era semelhante ao coração de Deus, o de Davi era tão pequeno que cabia no seu peito, e o de Deus é tão grande como sua mesma imensidade. Respondeu Deus aquilo mesmo que dizem os que, fiados na dilação do castigo, se animam a continuar no pecado: *Deus iudex justus, fortis et patiens, nunquid irascitur per singulos dies* (6)? Deus — diz o pecador usando das palavras divinas a sabor do seu apetite — Deus, ainda que é justo juiz, e tão forte, que nenhum culpado ou réu lhe pode escapar das mãos, contudo o seu coração é muito largo, e a sua paciência muito sofrida; e ainda que os nossos pecados são cotidianos, a sua ira não é de cada dia: *Nunquid irascitur per singulos dies*?

Este é o fundamento com que disse judiciosamente Tertuliano que Deus padece na sua mesma paciência: *Deus sua sibi patientia detrahit* — porque dá ocasião o seu sofrimento a que se perca o temor de sua justiça e o respeito à sua autoridade. Atreveu-se Osa, posto que com boa tenção, a tocar na Arca do Testamento, e no mesmo ponto pagou aquela temeridade, caindo de repente morto. Oh! se Deus o fizesse assim sempre ou muitas vezes, e os pecados se pagassem logo e de contado, como haviam os homens de ir atentos em pecar, e como se lhes haviam de atar as mãos, ainda quando o pecado fosse duvidoso! Por que cuidais que pecou Adão e comeu da fruta vedada, tendo-lhe Deus cominado a morte, se comesse? Porque viu que Eva tinha comido e não morreu. O preceito e a pena do preceito foi posta a ambos: pois, se Eva comeu e não morreu, também eu — diz Adão — não morrerei, ainda que coma. — Venha a fruta, farte-se o apetite, e vivamos a nosso gosto. — Isto é o que fez Adão, e isto o que fazem seus filhos. O pensamento, diz o texto sagrado com que, depois de ter pecado, se animam os homens a tornar a pecar, é este: *Peccavi, et quid mihi accidit triste* (Eclo. 5, 4)? Eu pequei, e nem por isso me sucedeu mal ou desgraça alguma: Estava vivo, e estou vivo; estava

são, e tenho a mesma saúde; tornei para casa, e nem por isso a achei caída, e meus filhos mortos debaixo dela, como Jó; os gados não nos roubaram os inimigos, nem me mataram os escravos; às lavouras não lhes faltou a chuva que as regasse, nem o sol que as amadurecesse; se meti os frutos no celeiro, conservaram-se; se os naveguei, chegaram a salvamento; tudo me sucedeu tão prosperamente que, no mesmo dia em que pequei, se fui à casa do jogo, ganhei; se pleiteava, tive sentença por mim; se tinha algum requerimento, saí despachado, e se fui beijar a mão ao rei, olhou-me com bons olhos. Pois, se na vida, na fazenda, na honra, em nada me empeceu o pecado, por que não hei de tornar a pecar? Quero pecar como dantes, e mais ainda.

Este é o discurso, ou mais ou menos expresso, com que os homens se precipitam a continuar no pecado. Mas vede o que lhes diz o Espírito Santo: *Ne dixeris: peccavi, et quid mihi accidit triste? Altissimus est enim patiens redditor* (Ecl. 5, 4): Não digas: pequei, e não me sucedeu nenhum mal, porque a paciência do Altíssimo, ainda que dissimule muito tempo, e se não pague logo do que lhe deves, no cabo puxa pelo capital e mais pelos réditos. — Réditos lhes chamou Tertuliano: *peccati census*. E S. Gregório, declarando quão grandes e quão custosos serão estes réditos, diz que será tão estreita e insofrível a execução do juízo, quão larga foi a paciência e sofrimento de Deus na dilação do castigo: *Tanto strictiorem justitiam in judicio exiget, quanto largiorem patientiam ante judicium praerogavit*. — Oh! como nos enganamos os homens com a paciência e sofrimento de Deus, que quanto mais dilata menos perdoa. Sofreu Deus o fratricídio de Caim, e não o castigou logo com a morte; mas, depois de andar desterrado e fugitivo por esse mundo, e aborrecido de todos em suma confusão e miséria, veio a morrer desastrosamente em um bosque, reputado por fera, a mãos de seu próprio neto, Lamec. Sofreu Deus as desobediências de Saul, e a usurpação do ofício sacerdotal, e as invejas e ingratidões com que perseguiu a inocência e pagou os merecimentos de Davi, a quem devia a honra, a vida e a coroa. Mas, perguntei aos montes de Gelboé, qual foi o triste fim do mesmo Saul, afrontosamente vencido, morto com sua própria espada, e depois pendurado de uma ameia nos muros de seus inimigos. Sofreu Deus as ambições e loucuras de Absalão, rebelde a seu rei e a seu pai, e as políticas ímpias de Aquitofel, alheias de toda a lei divina e humana; mas a uns vereis enforcado por suas próprias mãos em uma trave da sua casa, e ao outro preso por seus próprios cabelos nos braços de uma enzinheira, com o coração, que lhe não cabia no peito, passado com três lanças. Sofreu Deus as idolatrias del-rei Acab e de sua mulher Jesabel, as perseguições dos profetas e os falsos testemunhos levantados contra Nabot, e o roubo perjuro da sua herdade; mas no cabo, ele e ela infamemente privados do reino: ele foi ferido e morto de uma seta perdida, e ela precipitada de uma janela de seu palácio; a ela lhe roeram os cães os ossos, e a ele lhe lamberam o sangue. Deixo os exemplos de Nabuco soberbo, de Antíoco sacrílego, e de Judas traidor: um convertido em bruto, outro comido vivo de bichos, e o terceiro rebentado pelo meio, vomitando a infeliz alma juntamente com as entranhas, todos três longamente sofridos, mas depois severissimamente castigados, para que ninguém se fie na dilação do castigo, que, se tarda, sempre chega, e recompensa com o rigor as usuras da tardança.

#### IV

O segundo motivo que facilita, e quase parece que convida os homens a perseverar na continuação do pecado, é a confiança na misericórdia divina. Nenhum atributo pregam e apregoam mais em Deus todas as Escrituras que a sua misericórdia, grande, infinita, imensa. Não só chamam a Deus misericordioso, senão misericordioso: *Misericors et miserator* (Sl. 110, 4). E como se Deus se multiplicara a si mesmo para multiplicar as misericórdias, dizem que é *multus ad ignoscendum* (7). À mesma misericórdia, sendo uma, dão nome de multidão: *Secundum multitudinem miserationum tuarum* (8). E, finalmente, porque a multidão se compõe de números, acrescentam que a misericórdia de Deus não tem número: *Cujus misericordiae non est numerus*. Que muito, logo, que se Deus se multiplica para perdoar, multipliquem também os homens a matéria do perdão, que são os pecados, e que não reparem em acumular uns pecados sobre outros, pois, ainda que o número e multidão deles seja grande, o número inumerável e a multidão sem conta das misericórdias de Deus, sempre é maior? Tão assentado está este desprezo do pecado na confiança da misericórdia divina, que se eu — diz Santo Agostinho, falando de si — se eu quizer persuadir aos homens que temam a Deus e o rigor de

sua justiça, para que se abstenham de pecar, haverá algum que, fundado nas Escrituras, se levante contra mim, e não duvide dizer-me na cara: Quid me terres de Deo nostro? Ille misericors est, et miserator, et multum misericors: Que medos são estes, Agostinho, que cá nos quereis meter com o nosso Deus? Ele é misericordioso, e mais misericordioso, e muito mais misericordioso; e sendo tanta e tal a sua misericórdia, como é de fé, ainda que nós pequemos, e mais pequemos, e tornemos a pecar, sempre seremos perdoados.

Isto dizem muitos pecadores, e isto fazem todos, ainda que o não digam. E é coisa sobre toda a admiração e sobre todo o encarecimento notável, que prometendo Deus o céu e a bem-aventurança, e não podendo o demônio dar senão o que tem, que é o inferno, sendo Deus tão bom e o demônio tão mau, Deus tão formoso e o demônio tão feio, haja, contudo, tantas almas enganadas e cegas que, deixando a Deus, se amiguem com o demônio. Palácios, doutíssimo expositor das Escrituras Sagradas, e tão pio como douto, respondendo a esta admiração, diz uma coisa a que, pelo nome com que a declara, duvidei se a referiria deste lugar. Mas porque outros comentadores, que vieram depois dele, a alegam como muito digna de se saber e dizer, eu a não devo calar. Diz pois este grave autor que a causa de muitas almas deixarem a Deus e se amigarem com o demônio, é porque tem o demônio uma terceira, solicitada pelos mesmos homens, com a qual é tão sagaz, tão astuto, tão enganador e lisonjeiro o demônio, que com suas artes, promessas e carícias, afeiçoa, rende e traz a si as almas. E que ministra é esta, que terceira tão poderosa, para o demônio enganar os juízos e cativar as liberdades? É, porventura, alguma Circes ou alguma Medéia, que com feitiços e encantos alucine os homens? É alguma fúria do inferno, transfigurada em anjo de luz, que com adulações e falsas esperanças lhes tire o medo do mesmo inferno? Não é do inferno, nem da terra, nem só do céu, mas tirada do seio e das entranhas do mesmo Deus, que criou o céu e a terra. E — quem tal imaginara — é a mesma misericórdia divina, a qual os homens, por suma temeridade e impudência, fazem terceira do demônio, para se amigarem com ele: *Immane flagitium est misericordiam Dei lenam facere diaboli, et quod per misericordiam, per quam Deo conjungi debueras, diaboli conjugaris*: Não pode haver mais enorme e mais atroz sacrilégio, nem mais horrendo descomedimento de maldade ímpia e cega, que fazer a misericórdia de Deus terceira do demônio, e que por ocasião da mesma misericórdia, pela qual o homem se havia de unir mais a Deus, se ajunte com o demônio e se amigue com ele. Isto pois é, e nada menos, o que fazem todos aqueles que, confiados na misericórdia de Deus, em lugar de lhe pedir perdão dos pecados, se animam e facilitam sem temor a continuar neles.

Ouçam agora estes enganados com a misericórdia, o que lhes diz o mesmo Pai das misericórdias: *Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est, multitudinis peccatorum meorum miserebitur* (Eclo. 5,5 s): Não acrescentes pecados sobre pecados, e não digas que a misericórdia de Deus é grande e perdoará todos os pecados, ainda que sejam muitos. — E por que razão, Senhor? Se os nossos pecados foram muitos e a vossa misericórdia pouca ou pequena, então tínhamos fundamento para desconfiar do perdão; mas, se a misericórdia é grande, e sempre maior que os nossos pecados, por mais e mais que os acrescentemos, por que não havemos de confiar e estar muito seguros que sempre nos perdoará vossa misericórdia? O mesmo Deus dá a razão, e é tão divina como sua: *Misericordia enim et ira ab illo cito proximant* (Ibid. 7): Não vos fieis demasiadamente da minha misericórdia, diz Deus, porque a misericórdia e a justiça em mim estão muito perto uma da outra. — Admirável sentença! Em Deus, cuja natureza e essência é simplicíssima, tudo é a mesma coisa, porque tudo é Deus. Mas nenhuma coisa há em Deus mais unida entre si, nem mais identificada e mais uma, e mais a mesma, que a misericórdia e a justiça. Em Deus o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus, a misericórdia é Deus e a justiça é Deus; mas o Padre, o Filho e o Espírito Santo, ainda que sejam Deus, e o mesmo Deus, distinguem-se realmente: porém, a misericórdia e a justiça não têm distinção alguma. O Padre é Deus, mas não Filho; o Filho é Deus, mas não é Padre; o Padre e o Filho são Deus, mas não são Espírito Santo; o Espírito Santo é Deus, mas não é Padre nem Filho. Porém a misericórdia e a justiça em Deus de tal maneira são Deus, que a mesma justiça é misericórdia, e a mesma misericórdia é justiça.

Daqui se entenderá aquela sentença famosa de Davi, que mais parece enigma que sentença: *Semel locutus est Deus, duo haec audivi* (SI. 61, 12): Deus — diz Davi — disse uma coisa, e eu ouvi duas.

— Aquilo que se ouve, se se ouve bem, é o mesmo que se diz; pois, se Deus disse uma só coisa, Davi, que era muito bom ouvinte, como ouviu duas? O mesmo Davi se explicou, e não sei se nos implicou mais: Duo haec audivi, quia potestas Dei est, et tibi, Domine, misericordia: quia tu reddes unicuique juxta opera sua (Ibid. 12): O que ouvi — diz Davi — é que Deus todo-poderoso tem misericórdia e justiça, com que dá a cada um segundo o merecimento de suas obras. — Bem ouviu logo Davi, e bem diz que ouviu duas coisas, pois ouviu que Deus tem misericórdia e justiça. Mas se ele ouviu estas duas coisas: Duo haec audivi — como disse Deus uma só: Semel locutus est Deus? Porque esta é a diferença que há de Deus para com os homens na realidade ou apreensão da misericórdia e justiça divina: para conosco, e na apreensão com que consideramos a misericórdia e justiça divina, são duas coisas, e por isso: Duo haec audivi; porém na realidade com que a mesma misericórdia e justiça divina está em Deus, é uma só coisa, e por isso: Semel locutus est Deus. Para conosco, a misericórdia e a justiça são duas coisas, porque apreendemos a misericórdia como misericórdia distinta da justiça, e a justiça como justiça distinta da misericórdia; mas para com Deus e em Deus são a mesma coisa, sem distinção alguma, porque em Deus a justiça é misericórdia, e a misericórdia justiça.

Sendo, pois, tão inseparável e tão íntima, não digo a união, senão a unidade destes dois atributos divinos, dos quais depende o perdão ou condenação de todos os que pecam, vede agora se é bom conselho, e digno de Deus, aquele com que o mesmo Deus tanto nos exorta e admoesta, que não acrescentemos pecados sobre pecados, fiados na sua misericórdia, porque a misericórdia e a justiça em Deus estão muito perto uma da outra: Ne adjicias peccatum super peccatum, et ne dicas: Miseratio Domini magna est: misericordia enim et ira ab illo cito proximant. É contudo tal a cegueira e malícia humana, que estando a misericórdia e justiça divina tão perto uma da outra, não só os hereges, senão também os católicos têm achado invenção com que as dividir. Os hereges marcionistas diziam que Deus tinha misericórdia e não tinha justiça, por ser coisa alheia da sua bondade o castigar, como se Deus fora bom, para que os homens fossem maus, como bem os argüi Tertuliano. E os católicos, ainda com maior incoerência, conhecendo e confessando que Deus é misericordioso e justo: Misericors Dominus et justus (Sl. 114,5) — que fizeram, ou que fazem? Partem a Deus pelo meio — diz S. Basílio: — Deum ex dimidia tantum parte agnoscunt. Donde vem que, pecando facilmente contra ametade de Deus, que reconhecem por misericordioso, da outra ametade não fazem caso, como se não creram que é justo. Oh! que sisudos seriam os homens, já que fazem esta divisão, se a fizessem às avessas! Assim a fazia Davi, depois que o seu mesmo pecado o fez sisudo: Domine, memorabor justitiae tuae solius (Sl. 70, 16): Senhor, eu daqui por diante só me hei de lembrar de vossa justiça. — E da sua misericórdia, por que não, tendo vós recebido tantos favores da misericórdia divina? Por isso mesmo: para não abusar dela. Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericórdia, teme de pecar, e salva-se; pelo contrário, os que só se lembram da misericórdia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em pecar, e condenam-se. E isto é o que acontece a todos os que pecam em confiança da misericórdia divina.

## V

O terceiro motivo com que o homem se facilita a pecar mais, e a continuar ou multiplicar os pecados, é o propósito do arrependimento. Eu, diz o pecador, peço e pecarei agora, sim: mas não com resolução de perseverar sempre no pecado, senão com intento e propósito firme de me arrepender depois, e de me pesar e doer de todo o coração disto mesmo que agora faço. Este é o modo e a suposição com que se delibera a pecar todo o homem que tem fé da outra vida, e assim o declarou maravilhosamente um deles, bem experimentado nos pecados, e muito mais nos arrependimentos.

Ecce parturiit injustitiam: concepit dolorem, et peperit iniquitatem (Sl. 7,15): O pecador — diz Davi — quando se deliberou a pecar, concebeu a dor e pariu o pecado. — Na produção e nascimento das coisas animadas, a conceição sempre precede o parto, e o parto se segue à conceição. No pecado sucede o mesmo. Quando o homem se delibera a pecar, então concebeu o pecado, e quando o cometeu e efetuou, então o pariu: Concepit dolorem, et peperit iniquitatem. Mas, se bem repararmos nestas palavras, parece que envolvem uma implicação natural. A conceição e o parto sempre são da mesma espécie. Se o parto é homem, o que se concebeu também foi homem; se o parto é leão, o que

se concebeu também foi leão; e se o parto acaso é monstro, como é todo o pecado, também o que se concebeu foi monstro. Pois, se Davi diz que o pecador pariu o pecado: peperit iniquitatem, por que não diz coerentemente que concebeu o pecado, senão que concebeu a dor: concepit dolorem? Porque este é o modo e a suposição com que todo o homem que tem fé se delibera a pecar. Primeiro concebeu a dor, e depois pare o pecado; primeiro faz conceito do arrependimento futuro, e propõe de se doer e arrepender do mesmo pecado que está deliberado a cometer, e sobre este propósito de dor e arrependimento, que já tem concebido, como sobre carta de seguro e imunidade da pena, então peca confiadamente e sem receio. Bem conhece o pecador cristão que o pecado mata a alma e a condena ao inferno; mas, lisonjeado e vencido do apetite, como se tomara a salva e se desculpara com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: — Alma minha, eu bem sei que te mato e te condeno; mas se agora te mato e te condeno com o pecado, eu te ressuscitarei depois, e te livrarei com a dor: Concepit dolorem, et peperit iniquitatem.

Este é aquele concerto ou pacto, mal considerado e pior entendido, que o profeta Isaías diz fazem os homens com a morte e com o inferno: Audite verbum Domini, viri illusores: dixistis enim: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum (9). Aos que assim pacteiam com o demônio, e se deliberam a pecar, chama-lhes Deus, não ilusos, senão ilusores: Viri illusores, porque não só o demônio os engana a eles, mas eles cuidam que enganam ao demônio. Dão-lhe agora a alma pelo pecado, para depois lha tornarem a tirar pela dor e arrependimento. E desta maneira, ou por esta traça, o demônio é o que ficaria iluso, e não eles. Mas vamos às condições. O que os homens podem temer, e o que temem todos os timoratos, é que pelo pecado, morrendo nele, vão ao inferno; e por isso o contrato e pacto que fazem com o demônio é sobre a morte e sobre o inferno: Percussimus foedus cum morte, et cum inferno fecimus pactum. Pelo contrato sobre a morte promete-lhes o demônio que antes da morte terão tempo para cumprir os seus propósitos, e se doer e arrepender do pecado; e pelo contrato sobre o inferno, assegura-os o mesmo demônio, que de nenhum modo poderão ir para lá, porque todo o que se arrepende verdadeiramente de seus pecados antes da morte, é certo que não vai ao inferno. Pois, se estas condições assim praticadas são tão úteis ao homem, e o demônio nelas fica perdido, como o mesmo demônio, que é tão sábio e astuto, pacteia tão facilmente com tais condições? Porque debaixo delas, o que vai enganado e totalmente perdido não é ele, senão o homem. A razão de estado do demônio nos seus contratos com os homens — diz S. Basílio — é com condição da nossa parte, que nós lhe demos o presente, e com promessa da sua, que ele nos dará o futuro: peca agora, e depois te arrependerás; e como o presente é o fácil e o certo, e o futuro o contingente e dificultoso, daqui se segue que agora, que era o tempo da emenda, todos pecam, e depois, que é o tempo da conta, em castigo do mesmo pecado, poucos ou nenhum se arrepende.

Mais faz o demônio, como ainda não ponderamos, nas palavras de Davi: Concepit dolorem, et peperit iniquitatem. A natureza pôs o deleite na conceição e a dor no parto; e o demônio, às avessas, põe o deleite no parto e a dor na conceição: põe o deleite no parto, que é o pecado, porque a todo o pecado, em qualquer gênero, sempre acompanha o deleite; e põe a dor na conceição, porque na deliberação de pecar nos sugere e faz conceber a dor para depois de ter pecado. E como o apetite humano se leva tão cegamente do delectável, por isso ao pecado, em que está o deleite e a perdição, damos o tempo presente, e a dor, em que estava o remédio e a salvação, deixamo-la para o futuro. Desta sorte, os nossos mesmos propósitos, que nós chamamos de arrependimento, são de condenação, e os mesmos pecados, que em confiança deles nos deliberamos a cometer, nos deveram desenganar da sua falsidade. Ou estes propósitos são falsos ou são verdadeiros. Se são falsos, por que nos fiamos deles? E se são verdadeiros, e são propósitos de arrependimento, por que nos não arrependemos logo, enquanto temos tempo de não pecar? O certo é que nem os propósitos são propósitos, nem os arrependimentos hão de ser arrependimentos, e porque são propósitos de arrependimento que não hão de ser, nem eles são propósitos.

Mas, suposto que este pacto é feito com o inferno: Cum inferno fecimus pactum, desçamos ao mesmo inferno, e vejamos como lá se guarda. Há neste cárcere infernal, há nesta masmorra escuríssima algum homem que fosse cristão? Muitos. Responda-me algum homem desventurado, quem quer que sejas, se foste cristão, ainda hoje o és, porque o caráter do batismo impresso na alma,

nunca se perde. Pois, se és e foste cristão, e crias tudo o que crê a Santa Madre Igreja, como te não aproveitaste da fé e dos sacramentos, como te não aproveitaste da doutrina e exemplos do Evangelho, que tantas vezes ouvistes, e como enfim te condenaste? — Por meus pecados. — E sabias tu que os pecados, e um só pecado, basta para levar ao inferno? — Bem sabia tudo isso; mas também sabia que basta o verdadeiro arrependimento dos mesmos pecados para Deus os perdoar; e por este conhecimento que eu tinha, todas as vezes que me resolvia a pecar, era com grandes propósitos de depois me arrepender. — Pois, se fazias tantos propósitos de arrependimento, por que te não arrependeste? — Porque esse é o engano que cá nos traz a todos. Estes dois, que aqui estão ardendo junto a mim, foram os dois irmãos Ofni e Finéias, filhos do Sumo Sacerdote Heli, e como tais, muito bem doutrinados e instruídos em todos os mistérios da fé e da salvação. Reprendia-os seu pai, e dizia-lhes que se emendassem e arrependessem de seus pecados; e eles respondiam: Cum senuerimus, tunc poenitebimus: que eram moços e queriam viver com liberdade, que depois se arrependeriam. Mas a morte veio antes do depois, os arrependimentos e os propósitos ficaram no ar, e as almas desceram ao inferno. Aqui estão ardendo há dois mil e setecentos anos, e arderão, e eu com eles, porque fiz a mesma conta, enquanto Deus for Deus.

Cristãos, tomemos exemplos neste, e não nos fiemos de semelhantes propósitos. Quando o propósito do arrependimento se ajunta com a resolução do pecado, nem é arrependimento, nem é propósito, porque a resolução do pecar contradiz o propósito da emenda, e o pecado presente desfaz o arrependimento futuro. Se os propósitos de não pecar, ainda feitos em graça de Deus, são pouco seguros, os propósitos de arrepender do pecado, que se fazem querendo pecar e pecando atualmente, que firmeza podem ter? Os mais valentes propósitos que se fizeram neste mundo foram os de S. Pedro: valentes não só na boca, mas, o que poucas vezes se ajunta, na boca e mais na espada. E que disse Pedro? Et si omnes scandalizati fuerint in te, ego nunquam scandalizabor (Mt. 26,33): Ainda que todos, Senhor, faltem à fidelidade e amor que vos devem, eu nunca hei de faltar. — Que mais disse? Etiamsi oportuerit me mori tecum, non te negabo (Ibid. 35). E quando seja necessário dar a vida e morrer convosco, primeiro morrerei, que negar-vos. — Podia haver mais animosos e mais resolutos propósitos que estes, e mais bizarramente declarados? Não podia. E com serem tão repetidos, tão constantes, e feitos, como verdadeiramente eram, de todo coração, não se tinham passado seis horas, quando o mesmo Pedro, caindo, recaído e tornando a cair, tinha negado a seu Mestre, não menos que três vezes. E se os propósitos de não pecar acabam negando a Cristo, os que começam pecando e negando a Cristo, que se pode esperar deles? Ao pecado de Pedro seguiu-se depois o arrependimento, porque foram propósitos de não pecar, estando em graça; mas a quem peca com propósitos de se arrepender depois, donde lhe há de vir o arrependimento, se o nega e desmerece com o mesmo pecado? Pecareis, como peçais, mas não vos arrependereis, como prometeis.

## VI

O quarto e último motivo com que os homens se cegam e não temem continuar no pecado, posto que conheçam ser enfermidade mortal, é a facilidade e prontidão do remédio. O remédio que Cristo, Senhor nosso, condescendendo com a fraqueza humana, deixou para os pecados que depois do Batismo se cometessem, foi a confissão dos mesmos pecados. Por isso o sacramento da Penitência se chama segunda tábua em que o homem depois do naufrágio se pode salvar. Mas assim como seria temeridade mais que grande a daquele que voluntariamente se lançasse ao mar, mui seguro de chegar ao porto sobre uma tábua, e maior temeridade ainda, se em confiança da mesma tábua, se fosse sempre engolfando mais e mais, assim o fazem os que, debaixo do pretexto da Confissão, se precipitam a pecar, e dizendo: eu me confessarei, multiplicam pecados sobre pecados.

Não pretendo negar com isto que o remédio da confissão não seja muito pronto e muito fácil. Não é muito fácil remédio o de curar com palavras, ou fosse inventado pela superstição ou pela arte? Pois deste gênero é, e com muito grandes vantagens, o remédio da Confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortais; não só cura de poucas ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam inumeráveis; e de tal maneira cura de todas quantas padece o enfermo, que se uma só se lhe excetuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em



um instante, e sem outra aplicação da nossa parte mais que palavras. O profeta Oséias, exortando aos homens a que se convertam a Deus, diz assim: Convertimini ad Dominum, et dicite ei: omnem aufer iniquitatem (Os. 14,3): Convertei-vos a Deus, e dizei-lhe que vos tire todos vossos pecados. — Pois, não há mais que dizer a Deus que nos tire nossos pecados, e não alguns, senão todos: Omnem aufer iniquitatem? E se Deus da sua parte nos há de tirar todos os pecados, nós da nossa que havemos de fazer para que ele no-los tire? O mesmo profeta o diz, e é coisa bem notável: Tollite vobiscum verba (Os. 14,3): Levai convosco palavras. — Bem diferentemente falavam os outros profetas no mesmo tempo de Oséias, que era o da lei velha. O que diziam os outros profetas era: Tollite hostias: levai a Deus sacrificios, para que por meio deles aplaqueis sua justa ira, e vos perdoe os pecados. Pois, se os outros profetas dizia: Tollite hostias (10), por que diz Oséias: Tollite verba? Porque Oséias, neste texto, como diz a glosa com Ruperto, fala profeticamente do Sacramento da Confissão, que Cristo havia de instituir na lei da graça; e para conseguir o perdão dos pecados por meio da Confissão, não são necessárias da nossa parte mais que as palavras — não informes, mas formadas — com que os confessamos. Excelentemente Ruperto: Non dico: Tollite vobiscum multitudinem hircorum, aut vitulorum, sed verba, quae consequi potestis sine dispendio rerum. Verba confessionis Deo pro salute vestra sufficiunt, pro iniquitatibus vestris satisfaciunt: Não vos digo que tragais convosco ao sacrifício multidão de bezerras ou de cordeiros, senão somente palavras, para as quais todos tendes cabedal, sem dispêndio da fazenda ou necessidade dela, porque virá tempo em que bastem para com Deus as palavras da vossa Confissão, e só com essas palavras se dê por satisfeito de todos vossos pecados. Pode haver maior facilidade que esta?

É tão grande que, como refere Santo Agostinho, os gentios do seu tempo o lançavam em rosto aos cristãos, dizendo que não podia ser boa aquela lei, em que tão facilmente se perdoavam os pecados, pois era dar licença para pecar. Assim o diziam ignorantemente os bárbaros, e puderam provar a blasfêmia do seu pensamento com o exemplo ou escândalo de muitos cristãos, os quais de tal modo abusam da facilidade da Confissão, como se fora licença ou imunidade dada por Deus para poderem pecar quanto quisessem. Mas o mesmo Santo Agostinho ensinou aos gentios, que tão fora está a Confissão de facilitar o pecado, que antes é um novo freio com que mais se dificulta, porque, como na Confissão só se perdoam os pecados de quem leva resolução de nunca mais pecar, se no pecado se quebra a lei com que Deus nos manda que não pequemos, na Confissão não só se torna a ratificar a mesma lei de Deus, mas nós mesmos nos pomos outra lei de novo, com que nos obrigamos a não reincidir naquele pecado, nem cometer algum outro. Foi tão engenhosa a traça da Confissão, ou verdadeiramente tão divina, que quando por uma parte abre a porta ao perdão, por outra fecha a porta ao pecado. Se duas casas têm as entradas juntas, com a mesma porta com que se abre uma, se pode fechar a outra. E isto é o que fez Deus no sacramento da Confissão. E como a Confissão verdadeira inclui essencialmente detestação dos pecados cometidos, e resolução firme de nunca mais pecar, com a detestação abriu a porta ao perdão dos pecados passados, e com a resolução fechou a porta à continuação dos futuros.

Já daqui começarão a entender os que tanto se confiam no remédio da Confissão quão enganada e enganosa é esta sua confiança. A Confissão verdadeira e efetiva há de levar consigo ao confessado, e pô-lo todo, e para sempre, aos pés de Deus. Se não leva consigo ao confessado, não é Confissão. Olhai o que dizia Oséias, e ainda não notastes: Tollite vobiscum verba, ei dicite: omnem aufer iniquitatem. Para que Deus vos perdoe os pecados, não só diz que leveis as palavras à Confissão, senão que as leveis convosco: Tollite vobiscum verba. Porque se vós não levais as palavras da Confissão convosco, e elas vos não levam consigo, a Confissão não é Confissão, são palavras. O sacrifício de Abel, por que contentou a Deus? Porque levou consigo o mesmo Abel. E o de Caim, por que não lhe contentou? Porque não levou consigo a Caim. Davi disse a Natã: Peccavi, (11) e Saul também disse a Samuel: Peccavi (1 Rs. 15,24). E sendo as palavras as mesmas, Davi ficou absolto do seu pecado, e Saul não, porque a Davi levou-o consigo a sua Confissão, e a Saul não o levou a sua. Vejam agora os que guardam a Confissão para a hora da morte, as suas palavras os podem levar consigo, quando eles já não estão em si? Eis aqui por que vemos morrer tantos sem Confissão, ou com Confissões que não são Confissões. Porque é justo castigo de Deus que a quem pecou em confiança da Confissão, essa mesma Confissão lhe falte ou lhe não aproveite.

Os moradores de Jerusalém pecavam dissoluta e desafortadamente, como se para eles não houvera lei nem castigo, e toda a sua confiança se fundava em que Deus tinha o seu Templo na mesma Jerusalém. Deus, diziam eles, tem o seu Templo na nossa cidade? Pois ele defenderá as nossas casas, por não perder a sua. Mas vede o que lhes disse então o profeta Jeremias: Nolite confidere in verbis mendacii, dicentes: Templum Domini, templum Domini, templum Domini est (12). Vós, fiados no Templo de Deus, matais, roubais, adulterais, como se no mesmo Templo tivéreis licença e imunidade de Deus para pecar livremente: pois sabeis que toda essa vossa confiança é falsa e enganosa, e que no cabo vos há de mentir: Nolite confidere in verbis mendacii, porque a quem peca em confiança do Templo, não lhe vale o Templo. E assim sucedeu. O mesmo digo da Confissão, porque Deus, e sua justiça, sempre é o mesmo e a mesma. Assim como não vale o Templo a quem peca em confiança do Templo, assim é justo castigo de Deus que não aproveite a Confissão aos que pecam fiados na Confissão. Deus fez a Confissão para remédio da fraqueza, e não para estímulo da malícia. É medicina para sarar, e não carta de seguro para adoecer. Por isso permite Deus justissimamente, que ou falte a confissão, ou não aproveite a muitos, porque não é razão que o remédio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remédio.

Aqui parara eu já, e me dera por satisfeito, se não tivera notícia, que anda muito valida pela terra uma nova proposição ou teologia, a qual eu não posso crer, senão que o Norte a trouxe de Holanda a Pernambuco, e o Nordeste de Pernambuco à Bahia. E que proposição é esta? Que para um cristão ir ao céu, basta ter confessor e dinheiro: o confessor para os pecados, o dinheiro para os sufrágios; o confessor para as culpas, com que vos livres do inferno, e o dinheiro para as penas, com que vos livrais do purgatório. Ainda agradeço aos que isto dizem, crerem que há purgatório e inferno; mas assim começam as heresias. Pobres dos pobres que não têm dinheiro, e mais pobres dos ricos que nele se fiam. Mas eu lhes concedo que tenham confessor e dinheiro, e, deixado o exemplo de Judas, ainda lhes mostro com outro mais apertado, que com dinheiro e confessor podem morrer sem Confissão. No tempo da primitiva Igreja todos os cristãos levavam o dinheiro que tinham aos pés dos apóstolos, porque viviam em comunidade, como hoje os religiosos. Houve, contudo, dois casados, Ananias e Safira, que vendendo uma sua herdade, contra o voto que tinham feito, reservaram escondidamente parte do preço. Chamou Pedro a Ananias, fez-lhe cargo do seu pecado e de ter mentido ao Espírito Santo, quando estava em sua mão lograr o que tinha, e no mesmo ponto, sem dizer palavra, caiu Ananias morto (At. 5,1-10). Veio depois do mesmo modo Safira, chamada a juízo: argüiu-a S. Pedro da mesma culpa, como meeira da mesma fazenda e cúmplice na reserva do dinheiro, e também caiu de repente muda e morta. Agora pergunto: E estes dois desventurados tiveram confessor e dinheiro? Uma e outra coisa tiveram. Tiveram confessor, e tal confessor como S. Pedro, Sumo Pontífice da Igreja; tiveram também dinheiro, que para isso o esconderam e reservaram, e confessou-se algum deles? Nenhum. De maneira que ambos tiveram dinheiro, ambos tiveram confessor, ambos morreram aos pés do confessor, e ambos morreram sem Confissão. Levai lá as novas aos da nova teologia, porque não quero afrontar a nenhum dos presentes com presumir dele tal ignorância.

Não basta ter confessor na hora da morte para a alma se salvar, porque, com o confessor à cabeceira, a uns falta a Confissão, e outros faltam a ela. Aos que falta vida, a fala e o juízo, falta a Confissão; e os que têm vida, fala e juízo, faltam eles à Confissão muitas vezes, porque em pena de a guardarem para aquela hora, e pecarem em confiança dela, permite justamente Deus que por falta de verdadeira disposição — que pode ser de muitos modos — lhes não aproveite a Confissão. Dizei-me: se um homem, por suas próprias mãos se dera uma estocada penetrante, e sobre esta, outras e outras, não o teríeis por doido? E se ele respondesse que fazia tudo aquilo porque tinha uma redoma de óleo de ouro muito provado, com que facilmente se curaria, não o teríeis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que, fiados na facilidade da Confissão, continuam a pecar. E a doidice e loucura deles é muito mais rematada, porque nem a Confissão nem o efeito dela está na sua mão. Por isso há tantos que se condenaram sem Confissão, e tantos que se condenaram confessados, para que ninguém, finalmente, se fie na facilidade deste remédio.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

